



“COMO SE ENSINA A SER VELHO/A” NA EXPERIÊNCIA TEATRAL DE UM GRUPO DE TEATRO DE TERCEIRA IDADE – UMA ANÁLISE DE GÊNERO

Viviane Maccari Strassburger¹

Viver outras vidas, sonhar outros sonhos, todos os dias recomeçar. Na estrada caminhar... chegar, partir, dormir, acordar, morrer e renascer. Ser Pierrot, ser Colombina...Arlequim, Otelo, Romeu e Julieta, isto e aquilo – em um teatro qualquer de qualquer lugar (Sebastião Apollonio).

Esta frase serve de inspiração para investigação em desenvolvimento² da qual apresento um recorte neste texto. Nela pretendo analisar as pedagogias culturais do grupo de teatro “Sem Teias”, formado por cinco mulheres de terceira idade que atuam em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e examinar como as idosas ensinam a “ser velho\la” através do teatro.

A atualidade do tema do envelhecimento, compreendendo o envelhecimento da população, a visibilidade do envelhecimento e as “reconfigurações de ser velho\la” na contemporaneidade justificam o foco da pesquisa, que toma como objeto as experiências teatrais do grupo de teatro referido. Pontuo, inicialmente, que, ainda que a velhice envolva os dois gêneros, ela possui uma diferenciação cultural conforme o gênero e, além disso, sofre uma espécie de “feminização”, determinada pela menor mortalidade feminina e pela conseqüente superioridade numérica das mulheres idosas sobre os homens idosos, como adiante veremos. Busca-se assim visualizar quais componentes culturalmente atribuídos ao gênero feminino, numa dimensão tradicional, ou que novos atributos – como liberdade e independência adquiridos na velhice - integram o trabalho do grupo, formado exclusivamente por mulheres. Apresentarei brevemente alguns aportes teóricos sobre envelhecimento que enfocam a feminização da velhice, algumas informações numéricas que a sustentam, bem como algumas considerações sobre a pedagogia que o teatro exerce.

Para desenvolver o estudo, serão utilizadas informações sobre a atuação do grupo, obtidas tanto através de entrevista com a diretora e uma integrante do grupo, quanto através da leitura de uma peça e assistência à sua encenação. As questões que pretendo analisar brevemente neste trabalho são: o que está sendo ensinado sobre “ser velho” nas atuações públicas de um grupo de terceira idade, formado exclusivamente por idosas, considerando o gênero feminino? Como efetivamente os diferentes discursos sobre velhice se misturam no trabalho de teatro?

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação, em Estudos Culturais. PPGEduc-Ulbra, Canoas, RS.
E-mail: vivistras@gmail.com

² Este trabalho faz parte dos estudos de Projeto de Dissertação em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Ulbra sob orientação da Dra Rosa Maria Hessel Silveira.



Alguns dados sobre a feminização da velhice - perfil das mulheres idosas no Brasil

Dentre os estudos sobre a “feminização da velhice” e sobre o envelhecimento populacional, destacam-se Goldani (1999) e Debert (1999). A partir de tais estudos, verifica-se que, considerando a população idosa como um todo, 55% dela são formados por mulheres com mais de 60 anos. Quando desagregada pelos subgrupos de idade, de 60 a 79 anos e de mais de 80 anos, a diferença entre a proporção de homens e mulheres aumenta, principalmente entre os mais idosos, pois a população feminina representa 60,1% com mais de oitenta anos. Em termos absolutos, o contingente feminino com mais de 60 anos de idade passou de 0,9 milhões em 1940 para 8 milhões em 2000. Camarano (2004) afirma que, quanto mais idosa é uma população, mais predominância de mulheres, devido à diferença de mortalidade por sexo.³

De acordo com Lloyd-Sherlock (2002), citado por Camarano (2004), mesmo que a velhice não seja universalmente feminina, ela possui um forte componente de gênero. Temos, como exemplo, o fato de que mulheres idosas têm uma probabilidade maior de ficarem viúvas e em situação socioeconômica desvantajosa. Já na terceira idade, são elas que participam, mais do que os homens, de atividades fora do âmbito doméstico, de organizações e encontros de mulheres, fazendo cursos especiais, viagens e trabalho remunerado temporário. Ao contrário do que fizeram na sua vida adulta, algumas delas assumem, progressivamente, o papel de chefes de família e de provedoras (CAMARANO, 2004).

Sabe-se que a expectativa de vida feminina é superior a masculina, já que, atualmente no Brasil, o índice da primeira é de 76 anos, contra 67,5 anos, do lado masculino. De maneira geral, houve um aumento na longevidade, como resultado da redução na mortalidade infanto-juvenil e melhoria das condições sanitárias. Conforme Camarano (2004), em 2000, um homem morria, em média, aos 65,7 anos, 4,2 anos mais tarde do que em 1980; já as mulheres morriam, em 2000, aos 68,6 anos, 4,7 anos mais do que em 1980.

Para além das estatísticas, entretanto, deve-se observar que, na velhice, as diferenças de gênero se materializam, entre outras dimensões, pela intervenção diferenciada nos corpos femininos e masculinos. Em comparação com o masculino, é sobre o corpo feminino que se tem um investimento médico e estético mais significativo. Cuidados e intervenções no corpo costumam ocupar desde cedo o universo de preocupações femininas, mas na velhice tal controle se corporifica no apagamento dos sinais corporais do envelhecimento, através de cirurgias, reposições hormonais, remédios, tratamentos cosméticos anti-idade, que atraem a atenção das mulheres (Lins de Barros,

³ Razão entre o número de homens e mulheres de uma dada população.



2006). Numa pesquisa com mulheres (id.ibid.), relata-se que havia uma “forma elaborada de cuidado com o corpo e uma atenção à mente que era fundamental para a compreensão delas mesmas como indivíduos, aptas para a missão que colocaram para si, que é de estar alertas aos mínimos sinais que comprometessem seu projeto de vida bem definido para a velhice”. Ou seja: mais do que os homens, as mulheres idosas se vêem “obrigadas”, pelos discursos correntes, a desenvolverem um autocuidado com o corpo, envolvendo tanto questões de saúde quanto questões estéticas de juvenilização.

Um pouco sobre o Grupo de Teatro Sem Teias

O grupo de teatro Sem Teias se originou de oficinas de teatro que sua diretora, Izabel Íbias, formada em Artes Cênicas e Gerontologia, ministrava na Divisão de Cultura da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. Em 1982 o Grupo fez a primeira montagem e, em 1985, passou a apresentar coletâneas de textos em montagens; desde 1986. As cinco integrantes do Sem Teias, em sua formação atual (2010), têm idades entre 62 e 72 anos; o grupo possui oito espetáculos prontos para apresentação, sendo alguns textos de autores consagrados e outros de criações coletivas das integrantes coordenadas pela diretora. Apresentam espetáculos infantis e adultos com duração máxima de uma hora, intercalando humor e drama para prender a atenção dos espectadores.

Em entrevista que realizei com a diretora do grupo, quando questionada sobre o tipo de trabalho preferencial que realizam, ela enfatiza:

A tendência é fazer mais de humor, porque eu acho que com o humor as pessoas dessa faixa etária se dão muito mais rapidamente conta e se identificam, mas é o humor que tem uma reflexão. “Quem somos nós”, por exemplo, é uma das perguntas que está sempre na nossa cabeça, quem somos nós? Velhas nessa sociedade... essa questão da identidade, “quem sou eu”, “quem é o meu grupo”, porque que eu trabalho desse jeito, por que o teatro me satisfaz tanto... Isso nos ensaios às vezes acontece, ‘que bom esse personagem que eu peguei’, entende?.. E elas trocam idéias..

Pode se observar a questão do próprio trânsito entre as experiências das personagens e das atrizes, assim como a utilização do humor como um instrumento que, de uma maneira leve, contribui para uma reflexão sobre as condições de existência. .

O espetáculo mais apresentado pelo grupo é “A Trajetória”, roteiro do autor gaúcho Arines Íbias, que se constitui como um estudo comportamental familiar e social das décadas de 60 e 70. A encenação comporta improvisações, mas o roteiro básico enfoca a trajetória de vida de mulheres, desde que nascem, como são educadas na infância, como vivem a adolescência, como vivem a fase adulta; a representação da velhice é baseada na velhice da década de 60 e 70, e que se considera ser



muito diferente da dos dias atuais. Encenada pela primeira vez em 1989, a peça já foi apresentada mais de 65 vezes, em 59 cidades do Rio Grande do Sul e do País.

O Sem Teias atua em espetáculos criados pelo grupo, em criação coletiva e ou espetáculos de diferentes autores, como adaptações de peças teatrais de dramaturgos reconhecidos internacionalmente. Os espetáculos, conforme palavras da diretora, possuem característica investigatória e de reflexão, e são criados a partir de situações trazidas por pesquisas entre grupos sociais, principalmente de mulheres e sobre envelhecimento. Após as apresentações é realizado um debate sobre o tema da peça ou sobre alguma cena do espetáculo, sempre dirigido e ou incentivado pela diretora do Grupo.

Este debate que é realizado após as apresentações é inspirado no Teatro Fórum, uma das modalidades do Teatro do Oprimido do conhecido teatrólogo Augusto Boal (1996). A modalidade do Teatro Fórum é centrada no desejo de Boal que o espectador pensasse sobre a cena que estava vendo, podendo emitir uma opinião; seu argumento era de que não bastava pensar, mas era preciso agir.

Inicialmente, o Grupo encenava espetáculos com roteiro de autores em formatos mais curtos e após o desenvolvimento do trabalho as atrizes foram ficando mais experientes e os roteiros aumentaram no tempo e em cenas desenvolvidas durante o espetáculo. Os espetáculos mais recentes são de criação coletiva provando que as atrizes também participam da montagem dos espetáculos. Com as modificações do Grupo, ao longo dos 21 anos de atuação, apenas uma integrante está desde seu início, além da diretora; outras estão: há 19 anos, há 7 anos e há 1 ano e meio, substituindo uma integrante que ficou doente.

Análises - Gênero e velhice

Pode-se pensar o novo “velho” como vivenciando o avanço da idade de um modo extremamente diferente daquele que foi dos seus pais e avós; nas palavras de Debert (1999):

Olhar para os produtores das novas imagens do envelhecimento, para as formas de gestão da velhice e da aposentadoria e para o discurso gerontológico é ver o papel ativo da geração contracultura na reconfiguração das etapas mais avançado da vida. Os também chamados baby boomers agora na meia idade tem posições centrais nas esferas mais representativas da produção cultural e científica: na mídia, nas universidades, nas agências de fomento à pesquisa e ação social, na coordenação de programas voltados à terceira idade. Ocupam posições de poder em espaços em que um interesse crescente pelo envelhecimento é aberto e podem acompanhar de perto o modo pelo qual as novas sensibilidades em relação à velhice, que estão produzindo, são vividas tanto pelos mais velhos quanto pelos mais jovens)⁴.

⁴ DEBERT, Guita. *A Reinvenção da Velhice*. São Paulo: EDUSP, 1999, p 240.



Podemos fazer uma conexão entre o que Debert traz e as vivências do grupo Sem Teias: tanto as integrantes, quanto a diretora atuam intensamente na esfera social que estão inseridas. Assim, a diretora apresenta um programa semanal sobre qualidade de vida na Tevê Educativa de Porto Alegre, assim como participa de palestras, encontros e seminários debatendo questões relacionadas ao envelhecimento. Também as outras integrantes procuram participar dessas atividades.

Ainda que a velhice não seja um tema novo no pensamento filosófico, novas condições da sociedade contemporânea trazem outras perspectivas. Os chamados estágios da vida parecem ter sido (e ainda ser, em alguns casos) fundamentais para as configurações das sociedades. Entretanto, as dimensões negativas tradicionalmente associadas à velhice – declínio corporal e físico, doenças, incapacidades, solidão - poderiam explicar a invenção recente de termos “politicamente corretos”, como *terceira idade* e *melhor idade*, numa busca de retirar o estigma que pousa sobre os velhos. A autora Debert (1999), ainda nos traz a contribuição de Meyer Fortes (1984), que aborda distinções entre os *níveis de maturidade*, que têm a ver com a maioria para cumprir papéis sociais, a *idade geracional* ou ordem de nascimento das diferentes gerações e a *idade cronológica*, baseada num sistema de datação, estabelecido, nas sociedades ocidentais por um aparato cultural. Seria justamente a “idade cronológica”, que, por um lado, estaria sofrendo o apagamento antes referido das experiências vividas e, por outro lado, se estaria assistindo à transformação das idades num mecanismo privilegiado na criação de atores políticos e na definição de novos mercados de consumo, num mundo cada vez mais regido pelos interesses de mercado e suas conseqüências. Tais aspectos integram os discursos e práticas concretas que estão redefinindo o que seria o comportamento adequado para pessoas de mais idade.

No espetáculo A Trajetória, busca-se mostrar os chamados “estágios da vida” através da representação. Assim, as atrizes encenam crianças brincando de roda, adolescentes em baile de debutantes, concursos de “misses”, vestindo maiô e usando saias curtas, evidenciando nas cenas a redefinição desses comportamentos que são estereotipados como sendo adequados para pessoas mais velhas. Ou seja: mesmo que as integrantes estejam na ordem do “novo velho”, aquele que se mantém ativo e participante, por outro lado, não evidenciam preocupação com o apagamento da idade, o que às vezes acontece, em especial, em se tratando de gênero feminino.

Podemos localizar este fato, em algumas falas das entrevistadas do grupo Sem Teias:

Majú: Dizer as idades, nunca ninguém negou falar.

Izabel: É que eles têm aquele protótipo de uma velha de 70 anos, uma velha de 79 anos, né.. e aí, só vendo uma criança que a Maju faz, uma adolescente.. mas como que tem essa leveza corporal? Bom... isso é trabalhado também, é um corpo que não pára, a gente tem um lema: velha sim, caída não.



Por outro lado, devemos considerar que, conforme Lins de Barros (2006) nos lembra, dentro da categoria velhice há uma pluralidade marcada também por gerações. Como mostra Motta (2004), “a velhice deve ser pensada no plural, não só pela constatação da pluralidade de formas de envelhecer dentro do mesmo grupo etário, mas porque há vários grupos etários dentro desta única denominação genérica de velhice” (Ibid, p.119). Já Camarano (2004) em seu estudo de envelhecimento populacional, demonstra que a população de velhos brasileiros corresponde a um intervalo de 30 anos, mostrando, assim, a heterogeneidade deste segmento etário, composto por pessoas que experimentam trajetórias de vida diferentes, sendo essa heterogeneidade decorrente, por um lado, das diferenciações demográficas e, de outro, das diversas condições socioeconômicas vividas pelos idosos ao longo de sua vida.

Ainda reforçando essa pluralidade da velhice, Debert e Neri (1999) ressaltam que a tendência de estudos mais recentes é propor novos recortes em estágios de envelhecimento com base na idade e no nível de independência funcional dos idosos. Debert critica as pesquisas sobre envelhecimento que tendem a uniformizar a categoria “velhos” com os indivíduos com 60 anos ou mais, desconhecendo a heterogeneidade de tal população. Assim, há novos recortes propostos, como jovens idosos (65-75 anos); idosos-idosos (acima de 75 anos) ou, ainda, idosos mais idosos (com mais de 85 anos), que dão ao envelhecimento recortes diferenciados.

Assim, de acordo com tais recortes, as integrantes do grupo Sem Teias se enquadrariam na categoria “jovens idosos”. É interessante observar como enfatizam, na entrevista, que depois das apresentações, fazem questão de dizer suas idades cronológicas mostrando orgulho e se sentem envaidecidas dessa atitude.

Majú: É porque é uma coisa tão boa, que tu estás tão segura de ti, entende, que quando a Izabel diz: “agora vamos dizer as idades”, a gente diz com uma faceirice. Não é pra agradar o público, a gente pega o microfone... até me arrepiei...é um prazer, eu duvido que aconteça com todo mundo assim, eu pergunto pra uma senhora a idade..e aí respondem: “É..pois é, não sei...” Nós não, a gente diz com prazer porque não parece que tem.

Evidencia-se nas entrevistas realizadas e nas cenas apresentadas pelo Sem Teias, a preocupação das atrizes com a definição de um projeto para a velhice, que confirma o que Lins de Barros, (2006) comprova em seu estudo, já que todas as integrantes do grupo têm uma preocupação visível com seu próprio envelhecimento, sem, entretanto, a obsessão de apagamento de toda e qualquer marca do tempo... Por outro lado, parece que a pedagogia cultural mais atuante na apresentação da peça “A trajetória”, especificamente, vem do fato de as atrizes – mulheres que estariam na chamada “terceira idade” - atuarem de maneira vívida, convincente, representando mulheres em diferentes épocas da vida e, de certa forma, esbanjando vitalidade. O debate posterior,



conforme a entrevista da diretora, procura colocar na roda as questões de envelhecimento, vida e atividade. Não por acaso, com alguma frequência o grupo é convidado para eventos de “preparação para a aposentadoria” ou outros, relacionados com a terceira idade.

Considerações finais

Se consideramos que a velhice é uma construção social, histórica e cultural (Debert, 1999) e não uma faixa etária imutável e com o mesmo significado para os diferentes grupos humanos em diferentes momentos históricos, podemos entender que o enquadramento dos sujeitos em uma ou outra referência etária, como infância, adolescência, juventude, maturidade ou velhice, é resultado de práticas sociais e de discursos sustentados em determinadas visões de mundo e em dadas condições históricas, assim como a própria divisão das “idades” é cultural e socialmente produzida.

De acordo com Gomes (2001) o envelhecimento do corpo é uma problemática voltada para o feminino, pois se trata de uma questão de gênero ligada às questões socioeconômicas. O fato de precisar encobrir os sinais de envelhecimento até com cirurgia plástica e outros procedimentos, é uma imposição sociocultural dos tempos mais recentes, que afeta muito mais as mulheres.

Pudemos ver, através deste breve estudo, como o grupo de teatro Sem Teias, em sua atividade, procura redimensionar a questão da velhice feminina, tanto fugindo aos estereótipos tradicionais, de fragilidade, doença, carência, quanto fugindo aos ditames da “velhice sem idade”, que quer estar “sempre jovem”

Também se deve enfatizar a importância do teatro como espaço para o exercício de pedagogias culturais, isto é, pensando que a educação ocorre numa variedade de locais sociais, não somente a escola, mas também na TV, nas revistas, jornais, nos anúncios, cinema, entre outros.

A partir desse entendimento, na entrevista evidenciou-se tal enfoque dado por Lins de Barros, (2006) já que as entrevistadas se manifestaram afirmando que no teatro elas desenvolvem aspectos como a saúde, o corpo, emoção, razão, melhorando a saúde física, mental e social como um todo, promovendo uma aceitação das limitações impostas pelo avanço da idade e dos padrões de beleza juvenis, mas, aceitando-se como mulheres belas, alegres, participativas, dinâmicas, independentes.



Referências Bibliográficas

- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Trajetória dos Estudos de Velhice no Brasil. *Sociologia Problemas e Práticas*, n° 52, 2006, pp. 109 a 132. Disponível no site: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n52/n52a06.pdf>. Acesso em 16 de junho de 2010.
- BOAL, Augusto. (1996) *Teatro do oprimido – e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CAMARANO, Ana Amélia (org) *Muito além dos 60. Os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA. 2004.
- DEBERT, Guita. *A Reinvenção da Velhice*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- _____, NÉRI, Anita Liberalesso. *Velhice e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- GOLDANI, Ana Amélia. “Mulheres e envelhecimento: desafios de novos contratos intergeracionais de gêneros.” In: CAMARANO, Ana Amélia. (org) *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro. IPEA, 1999.
- GOMES, Márcia Q. Carvalho. *Velhos e Velhas: a Busca de Novos Espaços de Sociabilidade*, Dissertação de Mestrado apresentada a pós-graduação em Ciências Sociais: UFBA, 2001.
- IBIAS, Arines. *Trajetória*. Porto Alegre: Editora IEL – Instituto Estadual do Livro, 1979.
- PEIXOTO, Clarice Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idosos, terceira idade... In: Barros, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: FGV. 1998
- www.semteias.com. Acesso em 14 de junho de 2010